

DIÁLOGO SOBRE MEMÓRIAS, ARTES VISUAIS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

BERENICE KNUTH BAILFUS¹; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²

¹*Universidade Federal de Pelotas –bere.bailfus@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – attos@vetorial.net*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata das Artes Visuais como promotoras de um olhar sensível acerca das relações homem-natureza, considerando o papel da arte como possível potencializadora da Educação Ambiental, e sua capacidade de promover a interdisciplinariedade, as relações entre os diferentes campos do saber. Este entendimento é baseado nas ideias de Marcos Reigota, expostas em seu livro “A floresta e a escola: por uma educação pós-moderna” (1999). Nesta obra, o autor descreve a importância da utilização dos recursos disponíveis para a problematização de questões urgentes:

A tendência da educação ambiental escolar é tornar-se não só uma prática educativa, ou uma disciplina a mais no currículo, mas sim consolidar-se como uma filosofia de educação, presente em todas as disciplinas existentes e possibilitar uma concepção mais ampla do papel da escola no contexto ecológico local e planetário contemporâneo (REIGOTA, 1999, p. 79-80).

Este resumo expandido refere-se às motivações que deram origem ao Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais – Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), intitulado “As Artes Visuais promovendo a Educação Ambiental: Uma pesquisa autobiográfica”, que está em andamento, e objetiva demonstrar o papel das Artes Visuais na promoção da Educação Ambiental. Assim, o problema da pesquisa parte da questão “Serão as Artes Visuais, nos espaços educacionais, potenciais promotoras de um olhar sensível acerca das relações homem-natureza?”. Do ponto de vista social, a referida pesquisa justifica-se pela possibilidade de conscientizar as pessoas para a necessidade de trabalharmos as questões ambientais com os recursos disponíveis, reaproveitando materiais e ressignificando mentalidades, através das Artes Visuais, visto que:

O princípio da conscientização procura chamar a atenção dos habitantes do planeta para os problemas que afetam a todos, e o conhecimento é apresentado como elemento necessário para adquirir uma compreensão essencial do meio ambiente global das questões que estão a ele interligadas e a responsabilidade de cada um diante dos fatos (REIGOTA, 1999, p.86).

Na busca por entabular tal discussão, as memórias/vivências da pesquisadora são relacionadas com as teorias de Marie-Christine Josso, no livro intitulado “Experiências de Vida e Formação” (2004), no qual ela descreve a influências que as memórias exercerem sobre as escolhas que realizadas no decorrer das trajetórias percorridas pelos indivíduos. Como também Marcos Reigota (1999), que discute sobre a necessidade de cuidados com o planeta **a** partir dos recursos disponíveis, e para finalizar Félix Guattari, com o livro “As três ecologias” (2001) no qual aborda questões ambientais, comportamentos sociais e

políticos, descrevendo a necessidade de uma reforma urgente nas mentalidades dos sujeitos para garantir a vida no planeta terra futuramente.

2. METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida no TCC inclui a análise das experiências vivenciadas pela autora no Projeto de Extensão Mini Jardim (Centro de Artes, UFPel). Assim como suas experiências vivenciadas na zona rural de Pelotas, pois essas contribuíram para a formação de um pensamento crítico e preocupado com as questões relacionadas ao meio ambiente. E é sobre essas experiências e suas inter-relações com a pesquisa em desenvolvimento que versa este texto. O Projeto de Extensão Mini Jardim é vinculado à disciplina de Cerâmica, do curso de Artes Visuais, da UFPel. Ele foi criado em 2014, a partir de conversas entre membros da comunidade e acadêmicos que tinham interesse em discutir sobre questões voltadas à botânica, à própria cerâmica, e às relações interpessoais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto Mini Jardim se mantém até os dias atuais e promove encontros semanais, que acontecem nas quintas-feiras à tarde, no ateliê de Cerâmica do Centro de Artes, da UFPel. Além das atividades regulares, a partir das peças de cerâmica e dos “mini jardins” feitos no Projeto, realizam-se diversas atividades e oficinas, entre as quais se destacam: oficinas de trocas de mudas de cactos, suculentas, avencas, etc, a qual consiste no ato de cada membro do grupo levar mudas e galhos para realizar trocas e doações entre si; oficinas de *kokedamas* (bolas de terra, argila expandida, água e plantas envoltas por musgos e cordão císal), trabalho totalmente ecológico e sustentável; oficinas de terrários em vidros (material que seria descartado), nas quais os vidros são reaproveitados ganhando um novo significado. Os terrários permitem a criação de pequenos mundos dentro dos recipientes, com plantas propícias e peças criadas para decoração, aumentando assim, a vida útil dos materiais e poupar o planeta de mais lixo. O projeto está sempre buscando diversidade de forma sustentável e consciente. O grupo também realiza e participa de exposições, onde diversos suportes são reaproveitados e ressignificados, conscientizando, assim, os visitantes e apreciadores.

Félix Guattari (2001) discute sobre a situação atual do planeta, apontando a direção para a qual nos conduz os comportamentos contemporâneos, no que tange às relações seres humanos - ambiente. O autor ressalta a importância de mudanças urgentes nos níveis social, político e cultural:

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo (GUATTARI, 2001, p. 10).

A vivência no Projeto Mini Jardim, além de se inserir no contexto de tais discussões, propiciou à pesquisadora o estabelecimento de relações com a sua história de vida, ressignificando memórias (JOSSO, 2004).

Por morar na zona rural de Pelotas até parte da vida adulta, o contato com a natureza foi uma constante na sua vida. Assim como o contato com a argila, pois na região em que cresceu - Monte Bonito, 9º Distrito de Pelotas -, existem diversas olarias, fonte de trabalho e renda para os moradores da região, onde seu pai trabalhava e a pesquisadora frequentava levando as refeições para ele.

A olaria se localizava em meio a um enorme campo e a trilha que conduzia até este espaço era repleta de muita beleza natural, destacando-se os pés de goiaba, araçás, ninhos de pássaros, entre outros. Por ser uma atividade diária a leva das refeições, era possível acompanhar o desenvolvimento dos pássaros que possuíam ninhos pelo decorrer do caminho. Ao chegar à olaria era possível avistar diversos ninhos de beija-flores espalhados pelos imensos galpões, que a inspiravam a criar pequenas réplicas destas minuciosas obras da natureza. As miniaturas dos ninhos eram criadas em argila que era separada pelo seu pai para ela brincar e criar suas peças.

O conhecimento sobre as barreiras, local de onde se retira o barro bruto, maquinário que transforma o barro em argila, corte, secagem, enfornaçāo, tempo de queima, entre outras técnicas, foi adquirido naturalmente através deste contato diário e também através das falas de seu pai sobre as atividades desenvolvidas no seu trabalho.

O contato com a natureza e a argila foi mantido no decorrer dos anos e reforçado dentro da Universidade, nas disciplinas Fundamentos do Ensino da Arte, Gravura e de Introdução à Cerâmica, esta última cursada no segundo semestre de 2016, pela qual foi apresentado o Projeto de Extensão Mini Jardim. A participação no Projeto foi fundamental, pois influenciara a pesquisadora na escolha deste tema da pesquisa acadêmica. Segundo Joso (2004):

Começamos a perceber que o que faz a experiência formadora é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros (JOSSO, 2004, p.39).

A atividade no Projeto Mini Jardim se insere neste contexto pela sua proposta de trabalhar o reaproveitamento de materiais e a produção artística ligada à sustentabilidade e pela influência que exerceu na autora ao longo de sua trajetória na faculdade, instigando-a a desenvolver um pensamento consciente relacionado às Artes Visuais. Além dessas características, o Projeto tem a qualidade de promover as relações interpessoais entre os membros.

Neste sentido, a experiência no Projeto Mini Jardim relaciona-se com a teoria de Guattari (2001) sobre as relações humanas, as quais, segundo ele, encontram-se cada vez mais fechadas, com as pessoas presas no seu próprio mundo, bloqueando as relações de troca e de afeto com os outros:

As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra freqüentemente ‘ossificada’ por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão (GUATTARI, 2001, p. 7-8).

Em um movimento contrário à tendência citada por Guattari (2001), o Projeto busca promover a convivência continuada, semanal, e, dessa forma, fortalecida, entre os seus membros. Destacam-se as relações de afeto e o prazer

dos participantes em estarem naquele ambiente.

Essa relação estabelecida entre os membros do grupo fortalece os laços e concretiza amizades, tornando necessários os encontros. Por ser um projeto de extensão, ele é aberto ao público e está sempre recebendo novos membros, aumentando constantemente essa teia de convivência e trocas, reforçando no grupo a importância do fortalecimento da convivência, das trocas afetivas e do compartilhamento de momentos presenciais.

Ressalva-se a partir desta pesquisa que tanto as experiências de formação quanto a reflexão sobre o período vivenciado contribuiu de forma significativa para a formação da autora como professora e cidadã preocupada com questões contemporâneas e temas urgentes relacionados à sobrevivência da vida no planeta terra. Além disso, ressalta que a contribuição para pesquisa acadêmica, se dará a partir da influencia que o trabalho poderá gerar sobre outras pessoas apropriar-se de recursos e métodos disponíveis para conscientizar e ressignificar as mentalidades das pessoas em relação a estas questões.

4. CONCLUSÕES

Considerando que este trabalho é um recorte da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso da autora, que está em andamento, quaisquer conclusões, são preliminares. Como considerações finais, a partir da reflexão sobre a potencialidade das Artes Visuais, dos ensinamentos obtidos pela autora na experiência em questão, observa-se que as experiências de vida (memórias) analisadas contribuíram de forma fundamental para o desenvolvimento da autora como arte-educadora, preocupada com o futuro do planeta, buscando formar indivíduos com pensamento crítico e reflexivo acerca das questões ambientais. Além disso, ficou claro a relevância de tais reflexões como suporte metodológico para a finalização da pesquisa de TCC.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUATTARI, Félix. **As três Ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus editora, 2001

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez Editora, 2004. José Cláudino e Júlia Ferreira.

REIGOTA, Marcos. **A floresta e a Escola**: por uma educação ambiental pós-moderna. São Paulo: Cortez, 1999.